

## Compor num tempo real: *Aqui, agora, neste momento*

Uma iniciativa de Elizabeth Francisca, Mariana Tengner e Vera Mantero

### Texto de Ricardo Vicente Paredes

Improvisar como acto de compor em tempo real. Compor de forma irreversível, no emaranhado risco da impossibilidade de refazer. Num fazer a cada momento, decisivo, em cadência, cada movimento, cada som, respondendo ao impulso criativo instantâneo. E nisto subverter os papéis, dar a quem vê e ouve, escuta e olha a possibilidade de voltar a ver, reflectir no ouvir, possibilitar a percepção, convidar até a escrever. O público no lugar cúmplice do ensaio, e os outros no lugar do palco a fruir, assistindo num fazer. Compor aqui, é fazer sem emendas, sem passar a limpo, em palco directo. Assistir sempre dá para recolher, ver, ouvir de novo, reconstruir, fazer uma ideia. Compor na emoção e assistir racional.

No palco há gente como nós e na plateia enche-se de figuras, outras como nós, feitas em público. É uma festa. Uma vara suspende os figurinos, que esperam, possibilitam tudo, campo aberto. Sob o estendal de possibilidades, espalham-se em movimentos cada uma das individuais vontades. A sonoplastia constrói-se aqui, serve-se agora, consome-se no momento, desaparece em seguida. E fica a permanente inquietação – será tudo aqui possível com outra música? Ficamos para ver, ouvindo. Nada surge, aqui, agora, sem enredo sonoro.

Sonoridade real, feita de música concreta - objectos sonoros em gravação de campo no momento, a coreografia dos sons. A vida em palco. Como num palco que somos nós, há dois tímpanos, duas colunas, dois músicos em palco, como colunas emissoras, A e B, ou esquerda e direita, desenhando dois vértices, somos, cada um de nós o terceiro que faz falta para o triângulo.

Nisto há narrador, uma voz nada *off*, ups! É pedido explicitamente que se evitem estrangeirismos, passa a haver "lavagem verde" evitando "*greenwashing*". Voz de corpo presente, que dança, que aponta as regras e que as desafia a quebrar, que programa o acaso e justiça o improvisado.

Mas... "Alguém ainda está aí a ajudar alguém?", pergunta-se com retórica repetidamente. Mas foram vocês (e nós) que se meteram nisto, libertem-se.

Poderá esta música ser feita para esta coreografia ou antes esta coreografia servir esta música, no instante irreversível do momento. As linguagens transmutam-se assumidamente. Dançam os sons e sonoriza-se a dança. Estranho? "Estranho é não estranhar!" Ecoa-se a meio, em voz alta. "Podem as pedras parideiras ter menopausa?" Há lugar para tais inquietudes, trazida a ideia da percepção dos mecanismos geológicos, na figura feminina, ligada à escala temporal do viver do tempo mineral. A imperiosa visão racional, para poder explicar o que se vê e ouve em redor, em palco e no planeta, procurar um entender. Antes um fruir, fruir no sentido da individualidade e resultando num conjunto, lição de palco, aquele ali, naquele lugar.

Decompor, restabelecer os elementos, que compõem a matéria. Passar ao lado mineral do existir, sonoro, lado tímbrico e rítmico, o tempo percetivo da sonoplastia que se constrói. Elementos áureos, espectros e pontos de luz, nos que dançam. Autómatos sonoros, linguagens criativas, nova língua nas falas entre os que (se) tocam. Obter o espaço do vazio sonoro.

Sem sonoplastia, e agora? Vagueia-se no lugar, o que fazer. Ligar a alguém, alguém que dê ideia de como terminar? Uma música que sirva. Os músicos, todos aliás, querem descansar. Sonoplastia gravada, procura noutros dispositivos, as plataformas de serviço recorrente nestes tempos. E nisto sai o inesperado – do qual não se gosta. Pode acabar assim, é melhor, "*black out*" a pedido, ups! não se podia falar noutra língua. Mas, como poder falar d'*Isto, aqui, agora, neste momento*, de uma outra forma? Logo agora que há tanto que dizer e por (re)compor neste preciso tempo.